

ENSINO & MULTIDISCIPLINARIDADE

Jul. | Dez. 2021 - Volume 7, Número 2, p. 1-12.

João Antonio Coqueiro: sua produção e *expertise* docente

João Antonio Coqueiro: his production and teaching expertise

Waléria de Jesus Barbosa Soares¹ - <https://orcid.org/0000-0002-6022-9670>

¹ Doutora em Ensino de Ciências e Matemática (UNICAMP). Integrante do Núcleo do Currículo e Formadora de professores (SEMED), São Luís, Maranhão, Brasil. E-mail: walleria_soares@hotmail.com

Resumo

Apresentamos o professor maranhense João Antonio Coqueiro como um *expert* no ensino de matemática no final do século XIX e início do século XX, na província/estado do Maranhão. Pautados teoricamente em Hofstetter et al. (2017), Morais (2017) e Valente (2016), buscamos responder ao questionamento: como João Antonio Coqueiro sistematizou saberes matemáticos objetivados na formação de professores de matemática e no ensino de matemática no Maranhão? Constatamos que João Antonio Coqueiro participou, de modo decisivo, da produção de saberes no ensino de matemática e da formação de professores que ensinavam matemática, em vários níveis de ensino no Maranhão, configurando, assim, a sua *expertise*.

Palavras-chave: Matemática. *Expertise*. Maranhão.

Abstract

We present the Maranhão teacher João Antonio Coqueiro as an expert in the teaching of mathematics at the end of the 19th century and beginning of the 20th century, in the province/state of Maranhão. Theoretically guided by Hofstetter et al. (2017), Morais (2017) and Valente (2016), we sought to answer the question: how did João Antonio Coqueiro systematized mathematical knowledge aimed at training mathematics teachers and teaching mathematics in Maranhão? We found that João Antonio Coqueiro participated, in a decisive way, in the production of knowledge in the teaching of mathematics and in the training of teachers who taught mathematics at various levels of education in Maranhão, thus shaping his expertise.

Keywords: Mathematics. Expertise. Maranhão.

Introdução

Meados do período oitocentista: a província do Maranhão vivia pontos altos em sua economia, com vários destaques para o comércio. O tempo caminhava e essa realidade não se

Como citar: SOARES, W. J. B. João Antonio Coqueiro: sua produção e expertise docente. **Ensino & Multidisciplinaridade**, São Luís (MA), v. 7, n. 2, p. 1-12, 2021.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

tornava uma constante. Podemos dizer que do século XIX às primeiras décadas do século XX, o Maranhão viveu momentos de glória e de declínio como potência econômica brasileira. Nesse cenário, vimos o setor literário como aquele que mais prosperava, a ponto de a cidade de São Luís, sua capital, ter recebido, ainda no século XIX, o título de *Atenas Maranhense*, por ter sido berço dos maiores letrados do país.

Sob esses aspectos socioeconômicos e culturais, a educação maranhense via suas relações estarem intimamente relacionadas com o contexto da sociedade. Com o auge do comércio, uma das principais funções da escola era preparar os futuros trabalhadores para um ofício: o de comerciante. Cabia então ao ensino de matemática, em uma das principais tarefas, trabalhar com os conteúdos matemáticos relacionados para esse fim.

Para pôr em prática este ofício, a escola contava com os professores de matemática. Alguns maranhenses se destacaram nesta tarefa, seja por sua prática, seja por suas produções relacionadas à publicação de livros. Sobre estes professores de matemática identificamos João Antonio Coqueiro, mais conhecido apenas como professor Coqueiro. O professor Coqueiro, entre suas contribuições, foi autor de diversos livros didáticos de matemática para o ensino primário e secundário, além de ter desenvolvido atividades em diversas escolas maranhenses.

Este trabalho busca apresentar a *expertise* de Coqueiro envolta ao tempo entre a segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, em territórios brasileiros e estrangeiros. Buscamos compreender que papel esse sujeito teve para a produção, sistematização e objetivação de saberes que, ao longo do tempo, foram ditando modelo e ganhando *status* de saberes a e para ensinar no ensino e na formação de professores de matemática no Maranhão. Utilizamos como acervos a Biblioteca Pública Benedito Leite, Biblioteca Josué Montelo, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado do Maranhão e Arquivo do Liceu Maranhense.

Nesta tentativa inicial de evidenciar a produção deste sujeito, esta pesquisa ancora-se em autores suíços. Com estudos dedicados à uma aproximação sócio-histórica entre as relações profissionais, saberes e formação, os textos da base teórica suíça (HOFSTTETER et al., 2017) fomentam uma discussão acerca de processos e dinâmicas de constituição de saberes que constituem a identidade profissional do professor.

Precisou-se retornar ao século XIX, quando o livro didático passou a ser o estruturador das disciplinas escolares, que sua produção realmente cresceu, as livrarias ampliaram suas funções e intensificou-se a função do professor como autor. Sobre esses autores, comungamos com Bittencourt (2004, p. 481) que nos lembra que “com maior ou menor autonomia, foram os criadores de textos didáticos que possibilitaram a configuração de uma produção nacional, com características próprias”. Enfim, *viajamos* ao Maranhão oitocentista, adentramos o século XX e nos deparamos com o professor Coqueiro como grande referência para o ensino de matemática no Maranhão e outras localidades.

Coqueiro: uma história de vida

João Antonio Coqueiro nasceu em São Luís, no dia 30 de abril de 1837. Filho do Coronel Vespasiano Coqueiro e D. Raimunda Pulcheria Garcia Coqueiro, viveu uma infância pobre na cidade onde nasceu. Mesmo assim, o incentivo pelos estudos sempre foi dado pelos seus pais, que viam em Coqueiro um grande potencial para o trabalho com os cálculos.

Em 1853, quando seu pai pensou em mandá-lo a França para prosseguir estudos, este veio a falecer, adiando o sonho de Coqueiro em estudar em terras europeias. Nesse momento, Coqueiro permaneceu em São Luís, onde estudou no Liceu Maranhense. Somente em 1855, sua mãe, com muita luta, conseguiu enviar o filho a Paris. Para mantê-lo, ela recorreu ao governo – de acordo com a Ata da Sessão da Assembleia Provincial, de 07 de julho de 1856 –, pedindo

à comissão de instrução pública o auxílio de 600\$000. Como resposta, foi-lhe autorizado o valor de 300\$000 anuais.

Desse modo, aos 18 anos de idade, Coqueiro já estava estudando na prestigiosa Escola de Minas de Paris. Nesse período, devido à sua desenvoltura com os estudos, deu aulas particulares para outros alunos. Essa também foi uma forma de ajudar sua mãe, que mesmo pedindo ajuda do governo, trabalhava duro como costureira para mantê-lo.

Em 1857, conheceu uma jovem de 16 anos por quem se tornou um apaixonado sonhador. Segundo Coqueiro (1942), uma jovem parisiense, de nome Isabel, cativou seu coração. Durante dois anos, cartas cheias de ternura trocaram-se entre si. Esse período de trocas de cartas deveu-se ao fato de a jovem ter sido acometida pela tuberculose e, assim, mandada para tratamento em Portugal. Em uma última carta, assinada pelo irmão de Isabel, chegou a notícia de sua morte. Restou a Coqueiro buscar consolo em seus escritos que retratavam a dor, o amor e a saudade, dedicando a Isabel poesias.

Posteriormente, Coqueiro frequentou a Faculdade de Ciências de Paris, onde recebeu o grau de bacharel em Ciências, em 1862. Nessa faculdade, trabalhou, durante dois anos, como preparador auxiliar da cadeira de Física Experimental. Mais tarde, estudou na Universidade de Bruxelas, na Bélgica, onde recebeu o grau de doutor em Ciências Físicas e Matemáticas. Nesse período, trabalhou no Observatório Astronômico, sob a orientação de Quetelet, matemático que dirigia o observatório nesse período.

Foi somente após sete anos fora do Maranhão que regressou à sua terra natal. Casou-se em 1864, na cidade de Alcântara, no Maranhão, com D. Maria Isabel Corrêa de Viveiros, filha dos Barões de São Bento, família tradicional na época. Com ela, teve 11 filhos. Viveram juntos até os últimos dias de sua esposa, que faleceu no ano de 1904.

Coqueiro: quando a história de vida se entrelaça com a profissional

Em São Luís, desempenhou trabalhos como professor em várias escolas. Residiu na Rua do Machado, n.º 27, centro de São Luís, em frente ao prédio onde seria instalada a Escola Popular Onze de Agosto, pertencente à Sociedade Onze de Agosto, da qual ajudou a fundar e instalar escolas, como a Escola Normal e a Escola Onze de Agosto.

Segundo Castellanos (2011), a criação da Sociedade Onze de Agosto, em 1844, foi iniciativa de vários intelectuais maranhenses, dentre eles, Antonio de Almeida Oliveira e João Antonio Coqueiro.

Trinta anos depois, a formação de professores foi repensada e o Curso Normal foi organizado pela Sociedade Onze de Agosto, que contava, entre seus sócios, com os professores de matemática João Antônio Coqueiro e Roberto Antonio Moreira. Ainda estiveram envolvidos nesse curso os professores de matemática, José Nepomuceno Xavier de Brito e Domingos Affonso Machado.

Este Curso Normal foi criado por meio da Lei n.º 1.088 de 19 de junho de 1874 e subsidiado pela sociedade. Nessa época, ser subsidiado por uma sociedade era prática recorrente no Brasil. Ainda segundo Kulesza (1998, p. 69), “as iniciativas de várias Sociedades de Instrução, [eram] geralmente dirigidas à formação de moças desvalidas e com o intuito claro de profissionalização das alunas”. Assim, por decreto, o governo auxiliou financeiramente essa manutenção.

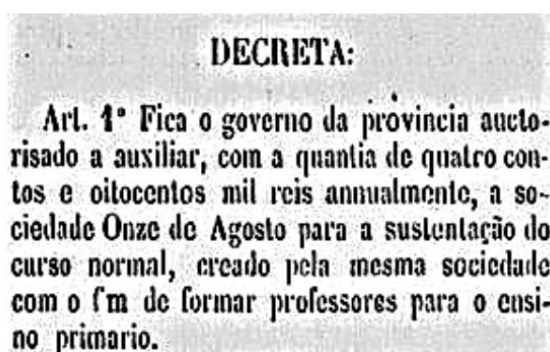


Figura 1 – Decreto de Auxílio ao Curso Normal.

Fonte: Publicador Maranhense (1874, p. 1).

Funcionando no prédio do convento da Igreja do Carmo, seu programa de estudos foi de caráter introdutório e o curso veio prestar à instrução primária da província um grande e importante melhoramento. Com duração de dois anos, o Curso Normal teve suas próprias instruções, e o currículo era constituído por algumas cadeiras do ensino secundário e por uma disciplina voltada para a formação pedagógica denominada ‘Curso de Moral, Doutrina Cristã e Pedagogia’. O programa de Pedagogia era dividido em duas partes: Didática e Metodologia.

As cadeiras foram organizadas de acordo com o ano de ensino:

- 1º ano: Gramática e Língua Portuguesa; Aritmética e Geometria; Moral, Doutrina Cristã e Pedagogia; Geografia, Física e Cosmografia; Direito Natural e Economia Política; e Desenho Linear.
- 2º ano: continuidade à cadeira de Gramática e eram oferecidas as cadeiras de História Santa da Idade Média e Moderna; Física, Química e História Natural; e, Desenho Linear.

Outra escola em que Coqueiro trabalhou foi a Casa dos Educandos Artífices, instituição pública que abrigava os meninos carentes que perambulavam pelas ladeiras da cidade de São Luís. Nesta instituição ficou responsável pela disciplina de Mecânica Aplicada, no ano de 1869. Também esteve sob sua responsabilidade a disciplina de Geometria Aplicada.

No ano de 1866, por meio da Lei n.º 770 de 30 de junho, esta cadeira foi dividida em duas: Geometria Prática e Mecânica Aplicada. A primeira era pré-requisito para a segunda. A aula de Geometria ficou destinada ao professor João Antonio Coqueiro, que oferecia certificado de habilitação para quem concluísse as duas cadeiras.

Os conteúdos da cadeira envolviam: Elementos de Cálculo, Geometria, Geometria Descritiva e Trigonometria, além de Aplicações ao desenho linear, ao nivelamento, à agrimensura, ao levantamento de planos, à perspectiva arquitetônica, à teoria e à prática da régua do cálculo. As aulas aconteciam na Casa dos Educandos Artífices e na Casa de Fundação, três vezes por semana, e tinham duração de 1h 30min, cada uma. As cadeiras funcionaram até 1870, quando foram unificadas novamente.

Os materiais didáticos sempre foram muito escassos na Casa, porém, no período em que o professor João Antonio Coqueiro ministrou aulas, houve a adoção de seu próprio livro, Curso Elementar de Matemática, publicado na cidade de São Luís, em 1869, e indicado para os colégios de instrução primária e industrial, além do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro.

A preocupação de Coqueiro com a instrução só aumentava. Jornais da época indicavam que “o incansável e humanitário Sr Dr. João Antonio Coqueiro, querendo de alguma maneira prestar qualquer serviço à sua província natal, teve a feliz lembrança de criar uma sociedade cujo fim fosse a instrução do povo por meio de cursos noturnos [...]” (PUBLICADOR

MARANHENSE, 21/03/1871, p. 2). Surgiu assim a Escola Popular Onze de Agosto pertencente à Sociedade Onze de Agosto, criada no Maranhão por ideia do Dr. João Antonio Coqueiro e de outros intelectuais maranhenses (CASTELLANOS, 2011).



Figura 2 – Prédio onde funcionou a Escola Popular Onze de Agosto, na rua do Egito.

Fonte: Alves e Valerio (1998, p. 24)

Nessa escola, Coqueiro foi professor de primeiras letras, 1º secretário e professor de Geometria e Mecânica prática. Por sua dedicação aos trabalhos desenvolvidos recebeu do imperador o oficialato da Imperial Ordem da Rosa. Em 1871, Coqueiro passa a ser presidente da Sociedade. E dois anos mais tarde, “o presidente da província do maranhão encaminha ao ministério do império o plano de Coqueiro de criar uma escola politécnica no Maranhão (JORNAL DO COMERCIO, 1873, p. 3).

Em 1874, a organização de um Curso Normal ficou a cargo da Sociedade Onze de Agosto. A matemática na Escola Normal estava inserida apenas no programa do 1º ano, como mostra o Regulamento da Escola. No 2º ano, as aulas noturnas não compreendiam o ensino de qualquer matemática.

No Liceu Maranhense, Coqueiro lecionou as cadeiras de Cálculo, Matemática Elementar e Mecânica Racional. Na década de 90 dos oitocentos, foi avaliador nos exames de admissão da escola. Reforçamos a presença e influência no ensino de matemática do Liceu Maranhense, no período oitocentista, dos matemáticos: Alexandre Theóphilo de Carvalho Leal, João Antonio Coqueiro, Estevão Raphael de Carvalho, Ayres de Vasconcellos Cardoso Homem, José Augusto Corrêa, Temístocles da Silva Maciel Aranha, José Nepomuceno Xavier de Brito e Domingos Affonso Machado, os quais incluíam, entre suas funções, elaborar os exames de admissão da escola, avaliar os alunos nesses exames, além de analisar os livros que seriam utilizados.

Além disso, as avaliações traziam informações sobre o aluno e sobre qual professor esteve a avaliá-lo no momento.

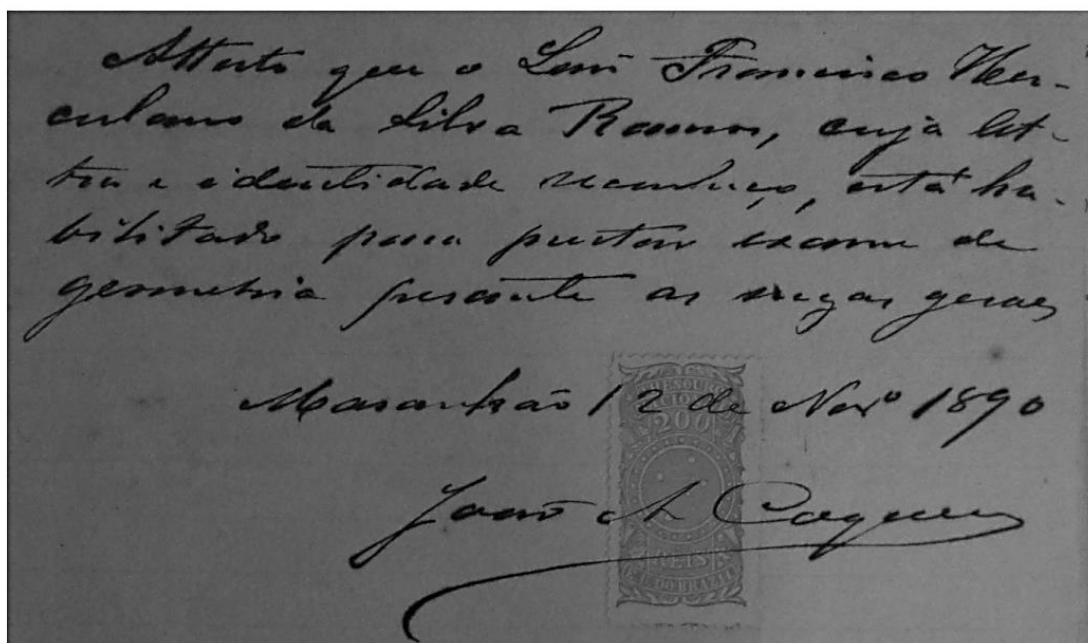


Figura 3 – Exame de admissão de matemática, do aluno Francisco Herculano da Silva Ramos, atestado pelo professor João Antonio Coqueiro, em 1890.

Fonte: Arquivo do Liceu Maranhense.

Ainda, sobre seus trabalhos no Maranhão, foi professor de Geometria prática e Mecânica aplicada no Instituto Profissional e organizou o plano de criação de uma escola de agricultura.

No quadriênio de 1869 a 1873, foi suplente de vereador, trabalhando na câmara municipal da capital São Luís. Em 1871, foi diretor do Tesouro Público provincial, e de 1872 a 1875, seu nome está na relação dos inspetores desse mesmo órgão, onde entra em exercício no dia 12 de abril de 1870. Desenvolveu também atividades como engenheiro, sendo o iniciador dos Engenheiros Centrais na Província do Maranhão. Na Repartição de Correios e Telégrafos do Maranhão, foi 1º inspetor, engenheiro-ajudante e, posteriormente, engenheiro-chefe. Esse último cargo também foi exercido na Província do Pará. Foi ainda engenheiro-auxiliar da Carta Cadastral na Prefeitura Municipal do Distrito Federal. Na década de 1880, diante da crise do setor das plantações no Maranhão, muitos senhores ludovicenses investiram no ramo têxtil, que mostrava grande possibilidade de lucro. Nesse período, a primeira fábrica de tecidos no Maranhão foi a Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense, de propriedade de João Antonio Coqueiro. Em 1883, Coqueiro se mudou para a Rua Formosa, n.º 28.

Em setembro de 1890, já morando na Rua de Madre Deus, Coqueiro ofereceu um novo curso de Matemática.

O sr. dr. João Antonio Coqueiro, abriu um curso de mathematica transcendente e elementar na sua casa de residência, à Rua da Madre de Deus, nº 42. A reconhecida capacidade do dr. Coqueiro, na sciencia que professa, é a melhor recommendação para o curso que acaba de abrir e que é será de grande proveito para os que não poderem, nas horas da sua aula no Lyceu, ir ouvir as suas lições (PACOTILHA, 02/09/1890, p. 3).

Nesse mesmo ano de 1890, no mês de novembro, Coqueiro mudou-se novamente. Seu novo endereço era o Largo dos Remédios, n.º 01. No ano seguinte, foi nomeado para compor as mesas de exames da Escola Normal, ficando responsável pelas cadeiras de Arithmetica, Geometria Prática e Desenho. No Liceu, em 1892, além das cadeiras de matemática, foi examinador das cadeiras de Física, Química e Mineralogia.

No Rio de Janeiro, em 1898, participou das mesas dos exames do Externato Joaquim Serra. Foi nomeado diretor do Internato Ginásio Nacional em 1901, e em 1905, passou a ser o diretor do Externato. Em 1908, apresentou ao governo uma proposta de reorganização do ensino secundário, em que o curso ginásial seria dividido em dois ciclos: um curso fundamental de quatro anos, seguido de um curso complementar, de mais três anos. Aposentou-se em 1909.

Coqueiro: a *expertise* em produções para ensinar matemática

A publicação de livros didáticos em São Luís também passou a ser comércio rentável, ainda que, passando por momentos de dificuldade, pois havia público cativo. Alguns livros didáticos de matemática publicados na cidade conheceram mais de uma edição. E os autores que publicaram fora da província tinham mais de um título em circulação.

Soares (2018) destaca que pelo menos 36 obras sobre matemática foram publicadas no século XIX, por maranhenses ou por estrangeiros no Maranhão. Dentre essas obras, quatro tratavam da Álgebra como temática.

Em meio à produção maranhense, encontravam-se os livros de matemática, publicados no Maranhão por maranhenses e estrangeiros. A publicação de matemática por maranhenses também acontecia em outras localidades, dentro e fora do Brasil.

No contexto escolar, os professores de matemática não contavam com outros materiais, além dos livros didáticos existentes. Em alguns casos, um livro didático servia para diversos níveis de ensino. Os livros seguiam os padrões de publicação das obras da época. Segundo Bittencourt (2008, p. 97), “programas curriculares e livros didáticos foram sendo produzidos concomitantemente, um auxiliando o outro na elaboração dos conteúdos das diversas disciplinas a serem transmitidos pela educação formal”. Da mesma forma, os conteúdos seguiam as finalidades disciplinares, o que Choppin (2000, p. 116) enfatiza que “todo manual está histórica e geograficamente determinado, ele é o produto de um grupo social e de uma determinada época”.

O fato é que alguns livros pareciam cópias de outras produções. Ainda de acordo com Bittencourt (2008, p. 182), “é certo que grande número dos livros produzidos pelos professores dessa época apresentava poucas variações entre si, iniciando a prática do plágio, sistemática que passou a caracterizar a produção didática”.

Ainda sobre os conteúdos de matemática trabalhados nos livros maranhenses, eles não se diferenciavam muito dos demais livros de matemática utilizados no Brasil, principalmente aqueles voltados para as escolas primárias. Segundo Chervel (1990, p. 181), “estima-se, ordinariamente, de fato, que os conteúdos de ensino são impostos como tais à escola pela sociedade que a rodeia e pela cultura na qual ela se banha”. Sobre a compilação de conteúdos Schubring (2003) ressalta que, desta forma, há uma coletividade de autores num determinado livro e não um único autor.

Ainda sobre a influência do contexto, Bittencourt (2004, p. 489) lembra que mesmo que os livros se assemelhassem às obras estrangeiras, os seus textos expressavam uma produção própria.

Como autor, Coqueiro iniciou seu trabalho aos 18 anos, quando ainda era estudante. Coqueiro escreveu sua primeira obra, Tratado de Aritmética, publicada em 1860. Segundo Valente (1999), o livro de Coqueiro é o que se pode chamar de compêndio no estrito senso da

palavra. Isto é, o autor procura juntar elementos que considera importantes para a iniciação matemática do aluno.

O livro *Tratado de Arithmetica* foi adotado pelo Colégio Pedro II no ano de 1879, para uso dos alunos dos primeiros e segundos anos. No ano de 1881, a adoção permaneceu. O livro também foi adotado no Liceu Maranhense. Com relação ao uso do livro em dois anos diferentes, tem-se que: cada livro se acha subdividido em capítulos, ao fim de cada capítulo era apresentado um certo número de problemas, alguns dos quais se achavam resolvidos, com aplicação das matérias ali tratadas.

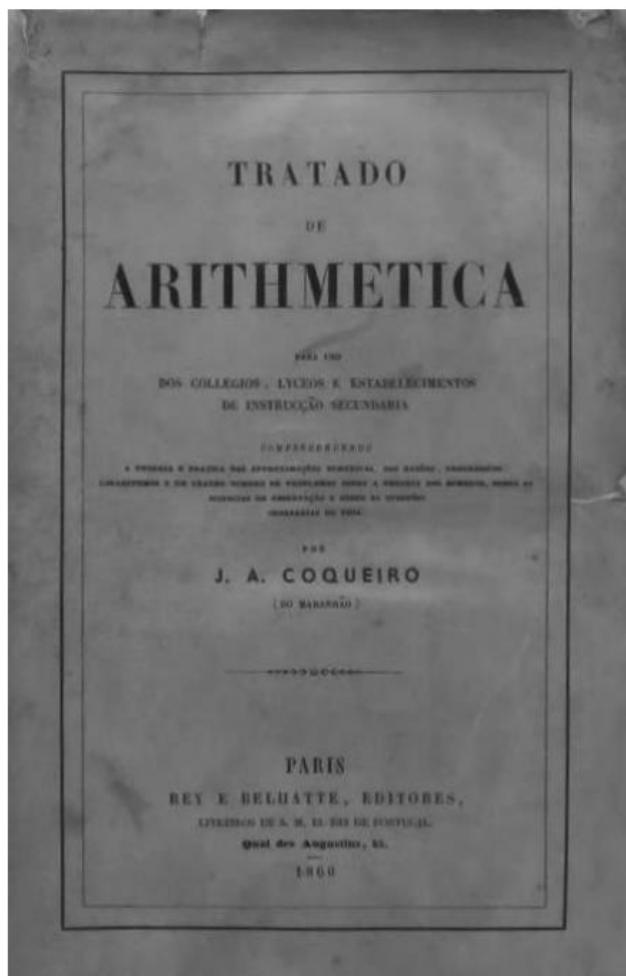


Figura 4 – Capa do livro Tratado de Arithmetica.
Fonte: Coqueiro (1860, capa)

A segunda edição da obra, maior que a primeira, data de 1897 e foi impressa no Rio de Janeiro, pela Tipografia Casa Monte Alverne, e também indicada para as escolas de instrução secundária, os colégios e liceus. Essa obra foi adotada no antigo Ginásio Nacional, Escola Normal do Distrito Federal, Escola Preparatória e Tática do Realengo e Colégio Militar. Em Minas Gerais, na Escola de Minas de Ouro Preto.

Outras publicações de Coqueiro merecem destaque:

- Livro Soluções das questões propostas no trabalho de aritmética: impresso em Paris, publicado em 1867, tendo por editores Rey e Belhatte.

- Livro Metrologia moderna ou exposição circunstanciada do sistema métrico decimal: precedido de noções indispensáveis sobre os números decimais seguidas de numerosas tabelas comparativas e de muitas aplicações interessantes ao comércio e à indústria. Impresso em São Luís, pela Tipografia Belarmino de Matos, e publicado no ano de 1863. É indicado para as Escolas de Instrução primária do 2º grau, no Maranhão e em Pernambuco. Posteriormente adotado no Imperial Colégio de Pedro II.
- Livro Prática das novas medidas e pesos: teve duas edições, uma em 1866 e a outra em 1867. Ambas são impressas em São Luís, pela Tipografia Berlamiro de Matos. Sobre a segunda edição, ressalta-se uma observação que a indica como mais completa que a primeira.
- Livro Curso elementar de matemática, com indicação de que é teórico e prático, e com a justificativa de que essa separação não emaranha as ideias. A primeira edição é publicada em 1869, impressa pela Tipografia Berlamiro de Matos em São Luís, e indicada para os colégios de instrução primária e industrial, além do Colégio Pedro II. Apresenta uma exposição clara e precisa, sobre a maneira pela qual o professor deve ser orientado a lecionar a matemática, tornando-a, assim, menos árida e, o quanto possível, acessível à inteligência do aluno. A segunda edição publicada em 1874, impressa pela Tipografia J. M. C de Frias em São Luís, é indicada para os colégios de instrução primária e industrial. Em 1870, 180 exemplares são comprados pelo governo e distribuídos para as escolas de ensino primário da província do Maranhão (EXPEDIENTE, 1870, p. 1).
- Livro Primeiras Noções de Cálculo: impresso em São Luís, pela Tipografia J. M. C de Frias, e publicado no ano de 1871. Indicado para as aulas especiais de adultos e para as escolas de primeiras letras. A obra esgota em menos de ano. Coqueiro ainda oferece 200 exemplares dessa obra ao presidente da província, para que fossem distribuídos nas escolas da capital - Seção Oficial - Governo da província (EXPEDIENTE, 1874, p. 2). Tem-se ainda que os livros de Curso elementar de matemática e Primeiras Noções de Cálculo são adotados na Província do Espírito Santo (DESPACHO, 1871, p. 1).
- Livro Tábuas estereométricas: impresso em São Luís, pela Tipografia J. M. C de Frias, e publicado também no ano de 1871. Adotado no Tesouro Provincial, a obra é “muito apreciada pelos entendidos no assunto, tendo o Sr. Visconde do Rio Branco solicitado ao governo da província, trezentos exemplares” (COQUEIRO, 1942, p. 260).
- Livro Curso médio de matemática: impresso no Rio de Janeiro, pela Tipografia Peixoto Vieira & Cia, publicado no ano de 1902. A obra traz aplicações ao desenho linear, à agrimensura, levantamentos de plantas, nivelamento, arquitetura e perspectiva; é adotada em várias escolas da Capital Federal, inclusive no Mosteiro de São Bento.
- Livro Teoria e aproximações numéricas de cálculo abstrato: impresso em Paris pela Tipografia Gauthier Villars, e publicado no ano de 1909.

Tem-se ainda que em 1901, Coqueiro escreveu um livro intitulado Cálculos Práticos e tentou publicá-lo no Rio de Janeiro. O livro deveria ser aplicado às questões financeiras usuais, estereometria, areometria, e arqueação de navios, apresentando numerosas tabelas sobre assuntos importantes e indicações úteis a partir do conteúdo trabalhado. Porém, as várias tarefas que deixavam Coqueiro sobrecarregado com a diretoria do Internato do Ginásio Nacional assumida, fizeram-no adiar a divulgação do livro. Infelizmente, os originais foram perdidos.

Algumas considerações sobre a *expertise* de Coqueiro

Após enveredarmos pela história de vida e de vida profissional de Coqueiro, destacamos alguns pontos que nos fazem considerá-lo um *expert* (HOFSTETTER et al., 2017) do seu tempo:

Em 1874, quando é organizado um Curso Normal na cidade de São Luís por meio da Lei n.º 1.088 de 19 de junho de 1874, ficando a cargo da Sociedade Onze de Agosto, o regimento foi assinado por João Antonio Coqueiro, que nessa época era presidente do curso. Observa-se no capítulo 5 deste regimento que cabia aos professores se reunirem em congregação junto a diretoria para tomarem algumas decisões, como: admissão de compêndios, programa das aulas, disciplina escolar e regimento da congregação, assuntos relacionados ao aperfeiçoamento do ensino (INSTRUÇÕES PARA O CURSO NORMAL, 1874, p. 1-2).

Cabe aqui ressaltar um ponto da *expertise* de Coqueiro, pois enquanto presidente, participava dessas reuniões, organizando assim o currículo de matemática da escola. Participava ainda desses momentos enquanto era professor que formava outros professores.

Sobre as várias participações em mesas de exames, acredita-se que sua *expertise* à prova, se mostra como “reconhecimento da competência daquele que detém os saberes necessários para realizar tarefas que lhe são designadas, o *expert*” (MORAIS, 2020, p. 62). Mais *expertise* podemos observar quando ele foi designado diretor da Escola Normal. Neste ponto, comungamos com Valente (2016, p. 408), pois esse papel de orientar professores, promover encontros, reuniões para a discussão do ensino e do aproveitamento escolar, possivelmente possibilitaram chegar até ele referências para o ensino, ou seja, os saberes para ensinar. Nesse ponto, sua *expertise* foi “solicitada pelas autoridades do ensino tendo em vista a necessidade de tomar uma decisão” (HOFSTETTER et al., 2017, p. 57).

Outro ponto que destaca sua *expertise*: a circulação de suas ideias. O livro *Tratado de Arithmetica* foi adotado pelo Colégio Pedro II, no ano de 1879, para uso dos alunos dos primeiros e segundos anos. No ano de 1881, a adoção permaneceu. O livro também foi adotado no Liceu Maranhense.

A grande circulação e utilização dos livros de Coqueiro, fez com que renomados matemáticos da época como P. Renoux e L. Tarbouriech, considerassem *Tratado de Arithmetica* um dos melhores trabalhos do gênero (COQUEIRO, 1942), reconhecendo também em Coqueiro “um sujeito dotado de certa *expertise*, supostamente distinguidos pelos seus conhecimentos, atitudes, experiências (HOFSTETTER et al., 2017).

Apresentamos assim, João Antonio Coqueiro como um *expert* e sua *expertise* ao participar decisivamente da produção de novos saberes no campo pedagógico (HOFSTETTER et al., 2017, p. 57). Sua história de vida e de vida profissional nos permitem identificar o modo como em diferentes tempos e espaços uma determinada realidade foi pensada, construída e entregue aos distintos modos de ver dos sujeitos de cada época (CHARTIER, 1990).

Homem de costumes simples, mas que se trajava impecavelmente bem, foi reconhecido por sua simpatia e educação, um verdadeiro cavalheiro. Como professor preocupado com os menos favorecidos, foi admirado e respeitado.

Faleceu no dia 26 de fevereiro de 1910, na cidade do Rio de Janeiro.

Em dias atuais, século XXI, João Antonio Coqueiro foi homenageado no Rio de Janeiro como nome de escola. Em sua terra natal, São Luís, também foi homenageado na 13ª Feira do Livro de São Luís, durante o III Seminário de Educação Matemática de São Luís, em 2019.

Referências

ALVES, M. C. A.; VALERIO, S. A. **Manual para Indexação de Documentos Fotográficos**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1998. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAgsbUAF/manual-indexacao-documentos-fotograficos?part=2>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

BITTENCOURT, C. M. F. Autores e editores de compêndios de livros de leitura (1810-1910). **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 3, p. 475-491, set./dez. 2004.

CASTELLANOS, S. L. V. Sociedade Onze de Agosto: uma instituição de ensino popular no Maranhão Império (1870-1876). In: PINHEIRO, A. C. F.; MADEIRA, M. G. L. (Orgs.). **Instituições escolares e escolarização no Nordeste**. São Luís: EDUFMA: UFPB: Café & Lápis, 2011.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. v. 2, p. 177-229. Porto Alegre: **Teoria e Educação**, 1990.

CHOPPIN, A. Passado y presente de los manuales escolares. In: BERRIO, J. R. **La cultura escolar de Europa - Tendências históricas emergentes**. (Memória y crítica de La Educación). Madrid: Biblioteca Neva, 2000. p. 107-141.

COQUEIRO, E. **A vida e a obra de João Antônio Coqueiro**. Rio de Janeiro: Magalhães, Correard & Cia., 1942.

COQUEIRO, J. A. **Tratado de Arithmetica**. Paris: Rey e Belhatte, 1860.

DESPACHO. **Publicador Maranhense**, São Luís, 27 setembro 1871, p. 1.

HOFSTETTER, R. et al. Penetrar na verdade da escola para ter elementos concretos de sua avaliação - A irresistível institucionalização do expert em educação (século XIX e XX). In: HOFSTETTER, R.; VALENTE, W. R. (Orgs.). **Saberes em (trans)formação: tema central da formação de professores**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

INSTRUÇÕES PARA O CURSO NORMAL. **Publicador Maranhense**, São Luís, p. 1, 26 ago. 1874.

JORNAL DO COMERCIO, Rio de Janeiro, 07 dezembro 1873, p. 3.

KULESZA, W. A. A institucionalização da Escola Normal no Brasil (1870-1910). **Rev. Bras. Est. Pedag.**, Brasília, v. 79, n. 193, 1998. p. 35-62.

EXPEDIENTE do dia 13 de maio de 1874. **Jornal do Commercio, Administração, Lavoura e Industria**, São Luís, 18 maio 1874, p. 2.

EXPEDIENTE do dia 8 de novembro de 1870. **Publicador Maranhense**, São Luís, 11 novembro 1870, p. 1.

MORAIS, R. S. Abordagem teórico-metodológica da pesquisa sobre a produção de novos saberes por experts em educação. Seminário Temático – Os experts e a sistematização da matemática para o ensino e formação de professores, 2020, Cuiabá. **Anais**. Cuiabá, 2020, p. 1-19. Disponível em:

<<https://drive.google.com/file/d/1gkS1Z7wn5LgSsFO4ZIBKuNVjMuhNIAWa/view>>.

Acesso em: 8 jul. 2020.

PACOTILHA, São Luís, 02 setembro 1890, p. 3.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO. Sociedade 11 de Agosto. **Publicador Maranhense**, São Luís, 21 março 1871, p. 2.

PUBLICADOR MARANHENSE. **Decreto de Auxílio ao Curso Normal.**, São Luís, 26 junho 1874, p. 1.

SCHUBRING, G. **Análise histórica de livros de matemática**: notas de aula. Campinas: Autores Associados, 2003.

SOARES, W. J. B. **XIX**: uma história, uma cidade e os primórdios da matemática escolar. Curitiba: Appris, 2018.

VALENTE, W. R. O saber: uma questão crucial para a institucionalização da educação matemática e profissionalização do educador matemático. **Perspectivas da Educação Matemática**, vol. 9, n. 20, 2016.

VALENTE, W. R. **Uma História da Matemática Escolar no Brasil, 1730-1930**. São Paulo: Annablume, 1999.